

ENTREVISTA

Ricardo Antunes – Sociólogo e professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e autor, entre outros, de *Adeus ao Trabalho?* (Cortez, 1995), *Os Sentidos do Trabalho* (Boitempo, 2002) e *A desertificação neoliberal no Brasil* (Collor, FHC e Lula) (Autores Associados, 2004).

Entrevista realizada em dezembro de 2005, durante o I Seminário do Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho e Sindicato (NETS)² da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Por Alexander Noronha de Albuquerque³

Alexander – Antes de começarmos, eu gostaria de agradecer a oportunidade desta entrevista para a Revista Enfoques do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, assim fazendo também em nome da UNIRIO, através do NETS. A gente gostaria, para ilustrar esse número da revista, que o senhor fizesse um panorama geral do que vem sendo produzido sobre os estudos do trabalho.

Ricardo Antunes – Eu começo dizendo que para mim foi um prazer ter estado neste Seminário. Acho que é o primeiro seminário sobre os estudos do trabalho da UNIRIO, organizado aqui por vocês. É um prazer também poder estar dialogando com vocês nessa publicação. Eu diria que há coisa de 15 anos atrás, mais ou menos em 1990, 1995, nós vivíamos o impacto de que os estudos do trabalho tivessem perdido importância. Algumas teses desconstruíam o trabalho, mas o que nós percebemos, felizmente, foi um processo diferenciado.

O tema e a temática do trabalho, ou os estudos sobre o assunto, voltaram com força muito maior, mostrando, inclusive, esse novo desenho que o mundo do trabalho tem hoje. Foram estudos apresentando as formas diferenciadas do trabalho; sobre as relações entre trabalho e gênero – por exemplo, a feminilização do mundo do trabalho; outros a respeito da questão do trabalho em dimensão geracional: mais jovens, menos jovens; mais outros sobre a questão do trabalho na dimensão étnica: trabalho e imigrante. Para pensar, por exemplo, a questão francesa hoje, veremos que as rebeliões de Paris, na periferia de Paris, a categoria trabalho e a questão imigração, sejam eles os imigrantes ou os filhos dos imigrantes, são fundamentais.

Essa transversalidade do tema trabalho talvez seja o traço novo e importante das pesquisas que nasceram. Não só em países, digamos assim, com

² O NETS/UNIRIO tem a coordenação do Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.

³ Alexander Noronha de Albuquerque é mestrando do Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO) e membro do NETS.

tradição de estudo na área de trabalho, como França, Itália, Inglaterra etc., mas em várias pesquisas entre nós, no Brasil, e no continente sul-americano. Há um segundo movimento também muito importante, que é procurar entender as novas formas de trabalho que emergiram depois que a planta produtiva sofreu as alterações nos últimos 20, 30 anos, quer dizer, aquilo que a literatura chama da crise da planta taylorista e fordista e do nascimento de novas plantas produtivas, seja no espaço fabril, seja no espaço dos serviços, inserido no que eu chamo de empresa "liofilizada", de empresa "flexível", "moderna", "enxuta". Qual é esse novo mundo do trabalho? Como há interação entre o trabalhador, a trabalhadora e a maquinaria? Quais são os exercícios de subjetividade que existem dentro da planta moderna? Quais são os níveis de exploração do trabalho que essas empresas exercitam? Quais são as formas de resistência dos trabalhadores, da classe trabalhadora, nos locais de trabalho? Quais são as formas de resistência nos sindicatos? Quais são as formas de aceitação e acomodação dos sindicatos? Esse, digamos, é o quadro dos estudos novos da Sociologia do Trabalho. Nele nós podemos encontrar na última década, no Brasil, vários estudos importantes que oferecem uma primeira fotografia de quem é essa nova classe trabalhadora brasileira que certamente tem elementos de continuidade em relação à classe trabalhadora de 20 anos atrás, mas tem elementos novos também. É este, um pouco, o panorama atual da sociologia do trabalho aqui no Brasil. Estes são os pontos que eu considero mais significativos.

Alexander – Saindo do campo acadêmico para as perspectivas gerais do mundo do trabalho: quais são as alternativas que o mundo do trabalho vem produzindo no campo do trabalho e no da resistência ao desemprego?

Ricardo Antunes – Primeiro, a constatação de que a classe trabalhadora não acabou; há uma classe trabalhadora e ela tem uma nova morfologia, tem novos elementos, mas possui ainda antigos elementos. Por exemplo, se você entra numa fábrica de automóveis, há muitos elementos novos, mas há ainda heranças do passado taylorista e fordista em muitas plantas. É evidente que esse cenário gera um conjunto também diferenciado de lutas e de resistências. Sobre as greves alguns diziam – lembra do que se dizia? – "Bancários não fazem mais greves", e fizeram. Nos últimos dois anos, os metalúrgicos também, assim como os funcionários públicos. Mas além das greves, da resistência sindical, nós podemos citar como exemplo o caso dos "piqueteiros" na Argentina, que é o movimento dos trabalhadores desempregados e o enorme processo de fábricas recuperadas, também na Argentina – mais de 200 fábricas foram ocupadas pelos trabalhadores. Elas foram abandonadas pelo patronato, os trabalhadores ocuparam e fizeram a

fábrica funcionar sem o capital privado, sem a “persona” privada controlando. Esses são exemplos das formas de lutas.

Há também um outro problema, que é complexo, e nós temos que analisar: o fato de muitos sindicatos terem abandonado a luta dos trabalhadores e se convertido, por exemplo, em sindicatos negociais. [Esses sindicatos] que estão interessados em especular com os Fundos de Pensão, ou que seguiram o caminho, digamos, de uma espécie de reestatismo do sindicato, abandonaram as lutas de perfil mais autônomo e classista, como foi o que se deu na década de 80 – década de muitas lutas sociais. Nós então temos que entender que o mundo do trabalho hoje tem desde manifestações de aceitação, de oposição e confrontação dentro da fábrica à aceitação e à oposição nos espaços na luta sindical. Esses antigos espaços e as novas formas de lutas, como eu citei no caso dos piqueteiros das fábricas ocupadas, há no Brasil também, entre outros países, e esses são, digamos assim, os exemplos de experiência.

É muito importante aprender com as lutas dos trabalhadores. E se a classe trabalhadora não acabou, a nossa pesquisa deve estar preparada para ir buscar e compreender essas novas formas de luta que emergem nos espaços do trabalho.

Alexander – Então, aqueles que afirmam que o fim do sindicato ou o fim do trabalho...

Ricardo Antunes – Perderam! Os seus livros viraram sebos sem valor muito precocemente. É evidente que os sindicatos viveram e vivem uma crise importante, mas a experiência tem mostrado que não é terminal, não foi terminal. O trabalho também, pelo contrário. Hoje nós podemos dizer que nunca tantos homens e tantas mulheres no mundo dispõem apenas do seu trabalho para sobreviver, e vendem-no como podem: em tempo parcial, por período temporário, por salário precário, catando lixos, trabalhando nos *Call Centers*, que são uma fonte de exploração intensificada do trabalho, ou em fábricas novas. Quer dizer, esta nova polissemia do trabalho mostra que a classe trabalhadora não acabou e que certamente nós podemos, através das nossas pesquisas, ter a certeza de que muitos exemplos e várias experiências ainda são passíveis de serem analisadas, refletidas e, mais do que isso, podemos participar também de algum modo desses embates que são os embates do trabalho pela humanização do mundo ou contra a desumanização hoje dominante em escala mundial.